

EDITORIAL

Dentre os vários aspectos envolvidos no processo de editoração de uma revista científica, um dos mais interessantes concerne à construção temática de um volume. Os membros da comissão editorial reúnem-se e discutem entre si, recebem sugestões de pesquisadores e, finalmente, escolhem um assunto que seja ao mesmo tempo relevante, de preferência candente, e adequado ao perfil da revista. Escreve-se então a chamada, para em seguida começar o longo (e por vezes doloroso) processo de avaliação dos artigos submetidos. Tanto os pareceristas quanto os editores devem saber equilibrar a pertinência das contribuições à questão proposta e o mérito de textos que não se afinam com aquilo que se tinha em mente. Se são lenientes demais, a revista perde o foco; se exageradamente rígidos, ela corre o risco de não sair, ou ser repetitiva e monótona. Quando bem judiciosos, deixam surgir um tipo de coerência que, sem abandonar os contornos gerais da ideia inicial, pode apontar para rumos antes impensados. Nossa intenção para este volume da *Alea* era lidar com o crescente passado do presente. Em uma época de aceleração cada vez maior do tempo, aquilo que já não é o presente emerge cada vez mais rápido. Trata-se de algo como um “passado anterior”, que sugere a questão: em que medida o nosso presente imediato leva a uma reconfiguração daquilo que ainda há tão pouco tempo parecia tão novo? A amplitude das contribuições que recebemos foi surpreendente; não esperávamos que de um conjunto a princípio tão heterogêneo de textos pudesse surgir uma coerência tão sutil.

Nosso artigo de abertura, “Sociologia Demais”, versão em português do edital do volume 16 (primavera de 2013) da revista *n+1*, volta-se para os problemas gerados com a universalização do gesto de denúncia da literatura como capital simbólico, puro veículo de dominação de classe. O que ontem se apresentava como tão arrojado e transgressor transformou-se hoje em uma doxa paralisante. Henning Teschke oferece uma interpretação teológica de nosso capitalismo globalizado pós-crise de 2008. O passado anterior, neste caso, era a (então nova) ordem mundial pós-soviética, que prometia a perenidade secular do capital mundial sob a guarda incontestante dos Estados Unidos. Subarno Chattarji segue o rastro

da Guerra do Vietnã, um evento central na história americana recente, para interpretar a produção literária de mulheres que de alguma maneira envolveram-se no conflito. A presença do feminino, aqui, não mostrou ser tão apaziguadora quanto se poderia esperar, e a questão de gênero não conseguiu fazer frente à barbárie da guerra. O artigo de Bruno Duarte contrasta dois tempos próximos. O primeiro é o do final dos anos 1960, quando Pasolini vislumbrou o projeto de fazer um filme-poema sobre o Terceiro Mundo, que incluía *Notas para uma Oresteia africana*, uma transposição da tragédia grega; o segundo, o de agora, que nos permite ver a relevância do coro dramático. Márcio Pinheiro tenta reconstruir a história literária moderna que é apenas esboçada por Roland Barthes em *O grau zero da escrita*. O conteúdo dessa história das formas é contrastado ao *tom* assumido pela escrita do ensaísta diante da história que ele mesmo narra, visando assim a identificar e discutir suas possíveis ambivalências. Rafael Viegas, por sua vez, traduz e comenta um *canard* do século XVI, um precursor do *fait divers*, cuja proximidade com o sensacionalismo da imprensa atual é assombrosa.

O texto de Miriam Gárate inicia um segundo grupo temático do volume, dedicado a questões brasileiras. Ele investiga a relação de mão dupla entre crônica jornalístico-literária e cinema documental, adotando como corpus de análise *Cinematógrafo. Crônicas cariocas* (1909) de João do Rio, *Pathé Baby* (1926) de Antônio Alcântara Machado e *Rien que les heures* (1926) de Alberto Cavalcanti. Alfredo César Barbosa de Melo analisa as tensões e diferenças da crítica de Antonio Candido quando comparada à de Roberto Schwarz, autores que de outra maneira são sempre pensados como em uníssono. Se o primeiro apresenta certo otimismo em relação às potencialidades transformadoras do povo brasileiro, este último desenvolve um diagnóstico bastante pessimista sobre a (de)formação social do Brasil. Marcos Siscar, por fim, propõe uma leitura de “Poesia e modernidade: Da morte da arte à constelação. O poema pós-utópico”, de Haroldo de Campos, texto que busca selar o fim das vanguardas, ao mesmo tempo em que empreende sua legitimação crítica e histórica. O conflito entre a sobrevivência dos valores de vanguarda e a interpretação do contemporâneo como época de “pluralidade” (ou “diversidade”) faz do texto de Haroldo de Campos um acontecimento histórico decisivo para a discussão contemporânea sobre poesia.

A parte final deste número apresenta duas entrevistas e uma tradução. Janet Todd, uma especialista do romance vitoriano discute com Maria Clara Biajoli o verdadeiro universo paralelo que se tornou a obra de Jane Austen, em particular *Orgulho e preconceito*, que já foi objeto de incontáveis continuações e adaptações. Em seguida, Michel Collot responde às perguntas de Danielle Grace de Almeida acerca de Francis Ponge e da relação entre poesia e filosofia na contemporaneidade. Fechando o volume, Edson Rosa da Silva propõe a tradução de uma carta que Jules Champfleury escreveu a Georges Sand em 1855 em defesa do pintor Gustave Courbet. Trata-se de uma importante reflexão sobre o modo como o realismo, sacode pancada da crítica atual, quebra os padrões estéticos vigentes à época. Com isso, vislumbra-se uma estranha lógica: se o presente torna-se passado com velocidade cada vez mais estonteante, o passado mais distante revela-se atual. É como se houvesse um nó do tempo, que parece unir as épocas mais diversas e questionar se o passado era tão moderno ou se seria o presente que, por fim, recusar-se-ia a virar passado.

Fabio Akcelrud Durão
Editor Assistente